

Pais temem resultado de pedagogia avançada

Insegurança é fruto do desconhecimento dos projetos e da ambigüidade da sociedade em transição

IRIS WALQUIRIA CAMPOS

Religião e tradição foram, no passado, razões fortes para os pais de classe média alta determinarem o local de estudo dos filhos. E hoje? "Eles estão confusos", diz Cláudia M. Oliveira, da Coplanning, empresa paulista de consultoria na área educacional, ao reconhecer a dificuldade das famílias na escolha da instituição ideal de ensino.

Os pais têm seus próprios medos, resultado do rompimento dos padrões morais que sustentaram sua geração – a irreverência dos jovens põe à prova os que combatem aids, drogas e homossexualismo com autoritarismo. Esse temor se acentua diante de propostas mais avançadas da pedagogia educacional, no trato desse universo em mudança, com resultados nem sempre animadores. Afinal, no que apostar? No amparo da tradição ou no desafio do novo?

A Coplanning pesquisou recentemente duas escolas paulistas interessadas em conhecer a imagem que os pais tinham de seus projetos educacionais – ambos socioconstrutivistas.

O resultado que emergiu dessa enquete com 1.450 pais revela a ambigüidade existente no relacionamento entre as famílias e os educadores, com queixas mútuas.

Ao mesmo tempo em que cobram inovações, as escolas dizem que os pais rejeitam o que desconhecem. Mas não há dúvida de que aos pais sobra, muitas vezes, pagar a conta de ousados projetos educacionais que não têm suporte profissional.

Como orientação pedagógica, o socioconstrutivismo vai buscar seus fundamentos nas teorias do desenvolvimento humano e do processo de alfabetização, mas exige a contrapartida de mão-de-obra qualificada e investimentos: currículos mais flexíveis requerem, por exemplo, mais horas de aula.

"Percebemos que os pais não conseguem lidar com a ambigüidade da transição de velhos para novos valores e transferem a responsabilidade do trato e da solução dessa questão para a escola", diz Clisolda Araújo, de 46 anos, diretora do Colégio Piaget, que atende a classe média emergente (renda familiar entre R\$ 4 mil e R\$ 5 mil), da Casa Verde, zona norte da capital, uma das escolas pesquisadas. A outra instituição é um colégio voltado para a elite do bairro do Morumbi, que prefere manter seu nome em sigilo.

Na Piaget, que tem 1.100 alunos e onde apenas 650 pais responderam ao questionário, "professores exigentes" foram requisitados pela maioria dos que têm filhos no ciclo médio (da 8.ª série em diante). Quanto mais velhos os alunos – portanto mais complexas as relações do grupo –, mais ficou clara a transferência de responsabilidades da família para a escola.

"Exigente", no caso, tem mais a ver com o exercício da autoridade em sala de aula do que com cobrança no sentido educacional. "Os pais imaginam que podemos resolver uma crise que é da família", diz Clisolda.

No caso da escola do Morumbi é significativo o percentual – 20,65% – dos pais dos alunos do ensino médio que afirmaram desconhecer "totalmente" o significado da linha socioconstrutivista adotada pela instituição; 47,10% disseram conhecer apenas "parcialmente" o projeto e 36,26%, o "suficiente". Esses índices melhoraram entre os pais da pré-escola (8,86% admitem o desconhecimento) e do núcleo fundamental (apenas 4,98%). "Eles estão mais próximos dos filhos e lidam ainda com crianças, com cotidianos mais amenos", diz Clisolda.

Sabe-tudo – Maria Auxiliadora Lourenço, de 55 anos, coordenadora pedagógica da pré-escola e do ciclo de 1.ª a 4.ª série do Colégio Universitário de Alphaville, identifica esse embate entre velhas e novas formas de poder na sociedade e reconhece que o autoritarismo ainda vigente é fonte de problemas.

O professor "exigente" também não teria mais vez, na opinião de Mônica

ESCOLA
"FORTE"
PRESERVA VIÉS
AUTORITÁRIO

Fuchs, de 30 anos, proprietária da Fazarte Pré-Escola e Ensino Fundamental, no bairro da Lapa, concordando com Auxiliadora: "O papel de sabe-tudo acabou; o conhecimento não é mais doado e, sim, construído."

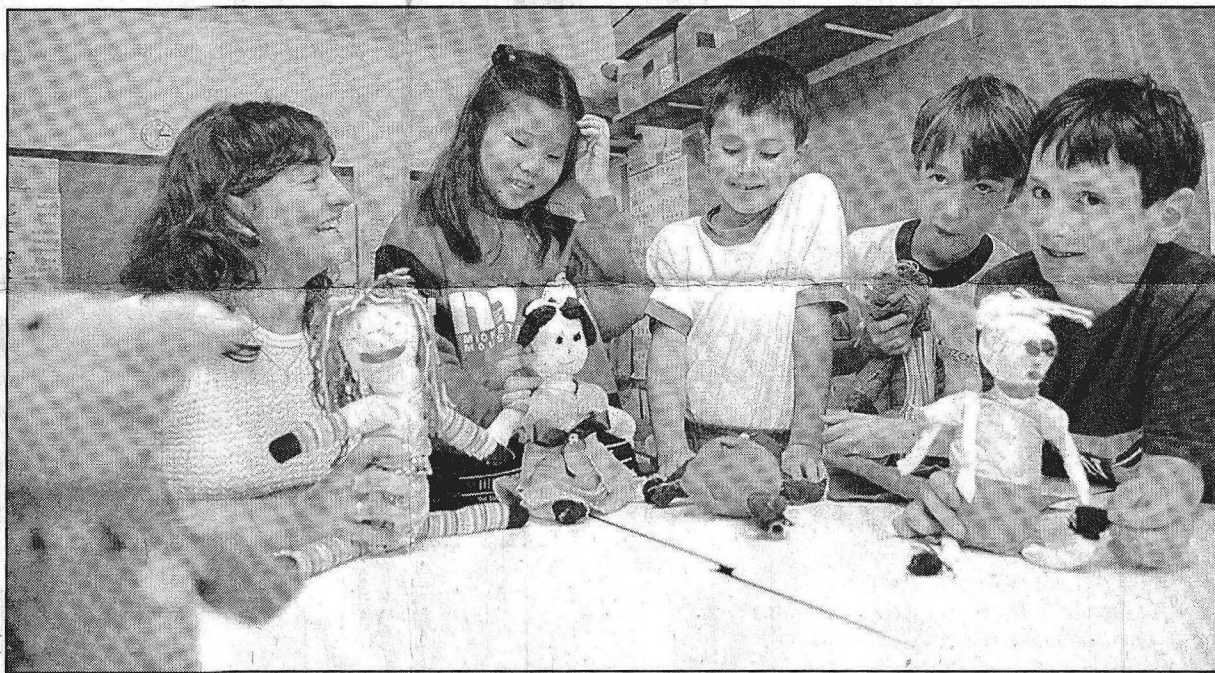
A velocidade da inovação tecnológica e a Internet acabaram com a necessidade do "aluno enciclopédia", diz ela. As duas reconhecem, no entanto, a dificuldade de acabar com a ansiedade dos pais.

A ênfase na repetência como solução para alunos que vão mal na escola e lições de casa extenuantes seriam outros exemplos desse autoritarismo apoiado pelas famílias. É o reforço do ensino pela via da punição.

Número expressivo de trabalhos escolares, em primeiro lugar, de horas de estudo, em segundo, e de lições de casa, em terceiro, são qualidades da escola "forte" e "puxada" na visão dos 800 pais da escola do Morumbi que responderam à pesquisa. A mensuração da produção escolar é, aliás, o pomo da discórdia entre escolas orientadas pelo socio-



Janete Walter Moura, com os filhos Lúcia e Maurício (acima), endossa a opinião de Mônica de Siqueira, mãe de Ricardo, de 4 anos, e Eduardo, de 6 anos (no centro): "Criatividade é passaporte para o futuro"; Mônica Fuchs (abaixo) usa bonecos em atividades na aula: "Temas devem estar relacionados ao mundo da criança"



construtivismo e as famílias ansiosas por resultados. "Nossos alunos têm muita atividade extraclasse; o caderno escolar é, portanto, magrinho", afirma Clisolda, do Piaget, que, após a pesquisa, tomou duas decisões. Primeiro, anota nos cadernos dos alunos os trabalhos realizados fora da sala de aula e, segundo, edita um boletim bimestral explicando aos pais o porquê de tanta ati-

vidade que não acabou em lição de casa.

Esse mesmo autoritarismo explicaria, segundo a secretária de Educação do Estado, Rose Neubauer, a dificuldade de a rede pública de ensino (pais, alunos e professores) entender o que considera benefícios de sua gestão – como a avaliação ao fim dos ciclos (a repetência, se for o caso, só pode ocorrer ao término da 4.ª

série) e a separação dos alunos por escolas de acordo com a faixa etária. "É preciso levar em conta o biorritmo dos alunos e os interesses das diversas faixas etárias", diz a secretária.

A própria reforma da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) inspirou-se no socioconstrutivismo ao permitir currículos mais flexíveis e regionalizados. "Em tese, a LDB é uma maravilha; o pro-

blema é que a orientação socioconstrutivista, para funcionar, exige dos professores sólidos conhecimentos e essa não é a realidade", diz Auxiliadora. É precária a percepção da reforma da LDB pelos pais dos adolescentes da escola do Morumbi: no ensino médio, 30,97% deles afirmaram desconhecer as mudanças na legislação da educação; porcentual que cai para 9,95% entre os pais dos alunos de 5.ª série a 7.ª série e para 7,59%, entre os da pré-escola.

Para os adeptos da pedagogia aberta, o pior é o estresse dos adultos causado pela excessiva competição no universo profissional, com reflexos já palpáveis no mundo infantil. O "preparar para a vida" – frase dita pelos pais pesquisados pela Coplanning, quando perguntados sobre o papel da escola – significa que eles pressionam as instituições para que realizem a transformação de seus filhos em futuros "profissionais competentes". A pressão poderia até ser entendida se fosse exercida por pais de vestibulandos. Mas a realidade não é bem assim.

"Pais de alunos de 1.ª série nos perguntam se a escola está preocupada com isso, na primeira entrevista de orientação", confirma Auxiliadora. Eles entendem, segundo ela, que a "hora de brincar" – alusão à fase da pré-escola – já passou e as crianças de 7 anos devem cair na realidade.

Personagens – Janete Walter Moura, bióloga, de 37 anos, mãe de Maurício, de 6 anos, e de Lúcia, de 9 anos, é um caso emblemático. Estudou na Escola Experimental da Lapa, na rede pública, e idealizou a mesma experiência para seus filhos: "Querida tudo, menos o tradicional", diz ela, que optou por matricular os alunos na Fazarte.

Tudo correu bem até sua filha Lúcia completar 7 anos. "Agora é para valer", disse Luiz Carlos, marido de Janete, propondo trocar a escola por outra mais preocupada com o "conteúdo" das matérias. "Ele teve medo", diz Janete, que identifica na reação do marido a preocupação com o futuro profissional de Lúcia.

As crianças acabaram ficando na Fazarte porque, diz Janete, o próprio Luiz Carlos reconheceu que ele mesmo foi prejudicado na infância pelo esquema rígido do ensino: alfabetizado pelos pais, aborreceu-se na escola porque teve de andar no ritmo vagaroso do grupo: "Se fosse hoje, não teria passado por isso", diz Janete.

"É bobagem pensar que crianças educadas de forma aberta não estão sendo preparadas para a vida", diz Mônica Guimarães de Siqueira, de 38 anos, cujo filho, Eduardo, de 6 anos, está também sendo alfabetizado na Fazarte. "Hoje, o mercado pede criatividade dos profissionais; a curiosidade e a criatividade levam longe uma criança e isso nossos filhos têm de sobra."